

BIBLIOTECA SÓLON BORGES DOS REIS: RELEVÂNCIA E POTENCIALIDADES DO ACERVO PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA¹

Prof^a. Dr^a. Rosa Fátima de Souza

email@email.com

Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista (Unesp),
campus Marília

¹ Texto apresentado no Seminário Preservando a Memória e a História da Educação Paulista: o acervo histórico do Centro do Professorado Paulista, realizado no dia 29 de novembro de 2017, auditório da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo, por ocasião da celebração do ato de doação, por parte do Centro do Professorado Paulista (CPP), do Acervo da Biblioteca “Sólton Borges dos Reis”, do Instituto “Sud Menucci”, para a Unifesp. O CPP firmou acordo de doação do referido acervo para a biblioteca da EFLCH/Unifesp a partir da interlocução estabelecida com dois grupos de pesquisa do Departamento de Educação: História da Educação: Intelectuais, Instituições, Impressos e Infância, Cultura, História.

RESUMO: Este texto apresenta uma reflexão sobre as peculiaridades da Biblioteca Sólton Borges dos Reis e sua relevância para a pesquisa no campo da História da Educação. Partindo de uma perspectiva autobiográfica, destaca a contribuição do acervo dessa instituição para a escrita da história do ensino primário, secundário e da educação rural no estado de São Paulo. O texto assinala a importância da preservação dessa biblioteca como instituição de memória da educação e aponta possibilidades de investigações inéditas com base no acervo

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteca Sólton Borges dos Reis, fontes para a História da Educação, patrimônio educativo.

SOLON BORGES DOS REIS LIBRARY: RELEVANCE AND POTENTIALITIES OF THE ARCHIVES FOR THE HISTORY OF THE BRAZILIAN EDUCATION

ABSTRACT: The text presents a reflexion on the peculiarities of the Solon Borges dos Reis Library and its relevance to the research in the area of the History of Education. Starting from the autobiographic perspective, it highlights the contribution of this institution's collection of documents to the writing of the history of primary, secondary and rural school education in the state of São Paulo. The text stresses the importance of the conservation of this library as an institution for the memory of education as well as pointing out the possibilities of new investigations/ researches using this collection of documents.

KEYWORDS: Sólton Borges dos Reis Library, sources of information for the History of Education, education heritage.

Foi com enorme satisfação que recebi o convite para participar desse Seminário, pois, a Biblioteca Sólton Borges dos Reis teve um significado muito especial em minha trajetória acadêmica no campo da História da Educação.

Ao refletir sobre a importância dessa instituição, logo me vieram à lembrança dois textos que marcaram meus interesses e estudos no âmbito da cultura material e do patrimônio educativo: “A biografia cultural das coisas”, de Igor Kopytoff (1995), e *O sabor do Arquivo*, de Arlete Farge (2009).

O primeiro nos convida a observar com atenção a materialidade que nos cerca e nos passa ordinariamente despercebida. Somos rodeados por objetos produzidos e consumidos como mercadorias. Um livro, uma fotografia, uma revista, um exemplar de um jornal, qualquer objeto, para além do valor de uso incorpora significados culturais e muda de sentido e valor com o tempo e com usos que as pessoas fazem deles. Para Kopytoff (1995), é preciso considerar que os objetos também possuem uma história–memória e que no estudo da cultura material é importante levar em conta esta trajetória, isto é, a biografia inscrita nas coisas, nas suas marcas de uso, nas suas funções e simbologias.

O segundo texto, *O Sabor do Arquivo*, constitui uma análise inteligente, sensível e perspicaz da relação do pesquisador com o arquivo e a escrita da história. Nele, Arlete Farge (2009) tomando como referência sua experiência ao trabalhar com os arquivos judiciais franceses do século XVIII conservados no Arquivo Nacional, na biblioteca do Arsenal e na Biblioteca Nacional, interroga o conteúdo da documentação, o que ela possibilita apreender, suas armadilhas e tentações e as múltiplas operações de investigação realizadas pelo pesquisador. Já no início do livro, a autora adverte para a característica ao mesmo tempo enigmática e sedutora do arquivo: “Desconcertante e colossal, o arquivo atrai mesmo assim. Abre-se brutalmente para um mundo desconhecido [...] abundante em personagens, mais que qualquer texto ou que qualquer romance.” (FARGE, 2009, p. 20).

Além da potencialidade da documentação, dos silêncios e faltas do arquivo, Farge (2009) analisa de forma primorosa os gestos da coleta, o despojamento no ato da seleção e leitura dos manuscritos, o folhear massas de papéis a procura de uma informação relevante, um vestígio inusitado, uma informação valiosa para o tema de pesquisa. Ela assinala como, no encontro com as fontes, o historiador se surpreende, encontra sujeitos anônimos e outros reconhecidos, defronta-se com rastros de vidas e

ruídos de sociabilidades. O pesquisador anota, copia, fotografa, seleciona o que precisa para a sua investigação, descarta o que não é de seu interesse imediato, recolhe dados numa operação de classificação incessante reconstruindo o arquivo em seu arquivo pessoal.

Todos esses elementos mencionados anteriormente estão imbricados de alguma forma na Biblioteca “Sólton Borges dos Reis”, do Instituto “Sud Menucci”, doada pelo Centro do Professorado Paulista (CPP) para a Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo, Campus Guarulhos. Nesta biblioteca estão entrelaçadas biografias de pessoas e objetos culturais, trajetórias individuais e institucionais, modos e artes de guardar, apreços, afinidades e ações profissionais, e, também, muitas operações ordinárias e complexas de consulta e pesquisa no acervo. O próprio ato de doação e de celebração da transferência da biblioteca do Centro do Professorado Paulista para a Universidade Federal de São Paulo inscreve mais um dado na trajetória desta biblioteca que ganha não apenas um novo espaço e abrigo, mas novos sentidos e outra organização.

Evidentemente, há muitas formas possíveis de se problematizar a relevância desta biblioteca, no entanto, optei por abordar o tema articulando três dimensões interligadas: memórias, possibilidades inexploradas e expectativas.

Inicialmente, faço uma incursão pela documentação existente na biblioteca numa perspectiva autobiográfica, isto é, vasculhando minhas memórias e anotações dispersas alinhavando uma trajetória de pesquisa e ressaltando os usos que fiz do acervo. Na sequência, a título de proposição, aponto potencialidades da documentação existente na biblioteca e que não foi ainda explorada. Por último, expresso minhas expectativas acerca do presente futuro dessa instituição.

Trajетórias de uma biblioteca “para o ensino e o magistério”

A primeira vez que tomei conhecimento da existência da biblioteca do Centro do Professorado Paulista foi por meio de uma conversa com o Prof. Sólton Borges dos Reis, em Campinas, no ano de 1993. Na época, eu desenvolvía pesquisa de doutorado na USP sobre a institucionalização dos grupos escolares no estado de São Paulo e concomitantemente participava de um projeto de pesquisa junto ao Centro de Memória da Unicamp, coordenado pela Professora Zeila de Brito Fabri Demartini intitulado *Educação & Sociedade: a diversidade de propostas educacionais na região de Campinas*

(1850-1960). Vinculado a esse projeto eu me dediquei a reconstituir a história dos primeiros grupos escolares criados na cidade de Campinas durante a Primeira República. Em visita a essas escolas mais antigas e nas conversas com diretores e professores apareceu diversas vezes a menção ao Prof. Sólton Borges dos Reis, considerado uma autoridade ilustre que na década de 1930 fora aluno do 1º Grupo Escolar de Campinas, atual Escola Estadual “Francisco Glicério” e aluno da Escola Normal “Carlos Gomes”.

Sólton Borges dos Reis era um educador bastante conhecido no meio educacional campineiro pela sua longa trajetória na direção do Centro do Professorado Paulista e como deputado estadual e federal.² Pude assim realizar uma conversa informal com o Prof. Sólton buscando informações sobre a história das escolas primárias em Campinas e no estado de São Paulo. Ele me recebeu de forma cálida e atenciosa, mas pouco falou de suas memórias longínquas dos tempos de aluno e docente. No entanto, relatou de forma efusiva sua atuação na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo ressaltando os inúmeros projetos de lei apresentados por ele em prol da educação e do magistério. No meio dessa prosa, ele fez referência à biblioteca do CPP em São Paulo, afirmando que lá eu encontraria muitos livros sobre o ensino primário que poderiam ser úteis para a minha investigação.

Ávida por encontrar fontes de pesquisa, dirigi-me a uma sala do segundo andar da Rua Antônio Godoy, na cidade de São Paulo. Foi pelas mãos de Maria Ivanildes Batista, responsável pela biblioteca, que me aproximei do acervo. Prestimosa e afável,

² Sólton Borges dos Reis nasceu em Casa Branca em 1917, filho de Júlio Borges dos Reis e de Flávia Pezzuto Borges. Coursou o ensino primário e normal em Campinas. Tornou-se presidente da Associação Campineira de Imprensa em 1936 e foi fundador e presidente da União Paulista de Educação em 1947. Formou-se em Direito, em 1950, pela Universidade do Rio de Janeiro. Em 1954, assumiu a chefia do ensino secundário e normal e concluiu o Curso de Pedagogia na Universidade de São Paulo. Foi diretor-geral do Departamento de Educação de São Paulo no período de 1956-1957 e secretário estadual de Educação entre 1959 e 1963. Foi deputado estadual pelo Partido Democrático Cristão (PDC) em 1958 e reeleito em 1962, 1966, 1970 e 1974. Em novembro de 1986 elegeu-se deputado federal constituinte e reelegeu-se deputado federal em 1990. “Ao longo de sua vida, foi também professor e diretor de escola no ensino público e particular, fundador da Associação dos Professores de Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP), sócio do Sindicato de Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, consultor jurídico, diretor do departamento de cultura e vice-presidente da Ordem dos Velhos Jornalistas de São Paulo e conselheiro da Associação Paulista de Imprensa. Membro da União Brasileira de Escritores, da Academia Paulista de Jornalismo, da Academia Paulista de Educação e da Academia de Letras da Grande São Paulo, sócio emérito do Instituto Histórico Geográfico de São Paulo, tornou-se membro do Centro do Professorado Paulista, do qual foi presidente durante cerca de 40 anos. Fez curso de atualização em direito constitucional na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo. Faleceu na capital paulista no dia 9 de setembro de 2006.” (cf. COSTA, Marcelo, CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/reis-solon-borges-dos>). Ver, também, site da ALESP: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=285395>

ela me apresentou inúmeros livros: *Meninice*: cartilha pelo método analítico-sintético de Luiz Gonzaga Fleury, *Vida na Roça* de Tales de Andrade, *Leituras Nacionais* de José Pinto e Silva, *Leituras Moraes* de Arnaldo Barreto, a 12ª edição de *Contos Pátrios* de Olavo Bilac e Coelho Neto, de 1915 e muitos outros livros didáticos publicados e adotados nas escolas primárias paulistas na primeira metade do século XX. Naquele dia de trabalho na diminuta sala que abrigava a biblioteca do CPP, registrei no meu caderno 68 títulos, compreendendo várias cartilhas e coleções de livros de leitura para as quatro séries do curso elementar. A maioria daqueles autores-educadores me era pouco familiar na época, mas com o tempo, percebi que eles se tornaram nomes e objetos incontornáveis nos estudos de inúmeros pesquisadores; refiro-me aqui a Felisberto de Carvalho, Francisco Vianna, Antônio Firmino de Proença, Theodoro de Moraes, João Kopke, Hilário Ribeiro, entre outros.

Não utilizei nenhuma dessas referências do levantamento realizado na biblioteca do CPP em minha tese de doutorado e tampouco no projeto que desenvolvia no Centro de Memória da Unicamp, mas a riqueza do acervo inscreveu-se em mim de forma duradoura, como um importante lugar para a pesquisa histórica em educação, além do Arquivo do Estado e outras reconhecidas bibliotecas localizadas na Capital como a Biblioteca “Mário de Andrade”, a da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e mesmo a Biblioteca “Presidente Kennedy” em Santo Amaro.

Pode-se dizer que no final da década de 1990 e início dos anos 2000, a biblioteca do CPP foi redescoberta, ficou conhecida e ganhou visibilidade no meio acadêmico paulista por razões externas à própria instituição. Aos poucos os pesquisadores perceberam a enorme riqueza documental dessa biblioteca constituída “para o ensino e o magistério” como a ela se referiu o Prof. Sólton Borges dos Reis, em 1997, quando foi inaugurado no CPP o Instituto de Pesquisas Educacionais “Sud Mennucci”.³ O momento era também de renovação paradigmática no campo da História e da História da Educação com a emergência de novas abordagens e temas de pesquisa com base na Nova História e na Nova História Cultural. O deslocamento foi notável. A preocupação predominante com as reformas educacionais e o pensamento pedagógico cedeu lugar às tentativas de compreensão da cultura escolar, um olhar para dentro da escola, para o

³ O Instituto de Estudos Educacionais Sud Mennucci foi criado pelo Centro do Professorado Paulista, em 1997, com o objetivo de atuar na qualificação profissional dos docentes da educação básica desenvolvendo atividades como cursos, palestras e seminários. Informações encontradas no site do CPP: <https://www.cpp.org.br/instituto-sud-mennucci>

currículo, o trabalho docente, para as práticas educativas e para as representações. Nesse empreendimento fontes diversas ganharam atenção e significado para os pesquisadores. Basta citar como exemplo, o interesse dos pesquisadores pelo estudo da imprensa pedagógica, das bibliotecas de formação de professores, das disciplinas escolares, das instituições educativas, das cartilhas de alfabetização, dos livros didáticos e tantos outros temas. Nesse cenário de renovação da historiografia, os pesquisadores da educação encontraram na biblioteca do CPP obras raras e inéditas que se tornaram fontes inestimáveis de pesquisa, milhares de volumes de livros e periódicos colecionados para os propósitos de uma associação de professores convertida em acervo de pesquisa acadêmica. Dentre as inúmeras contribuições para a divulgação dessa biblioteca no meio acadêmico, vale mencionar o Catálogo da Imprensa Periódica Educacional Paulista, organizado por Denice Barbara Catani e Cynthia Pereira de Souza (1999) que deu visibilidade à importante coleção de periódicos educacionais existente nessa biblioteca. Pode-se, portanto, dizer, que uma geração inteira de historiadores da educação, à qual me incluo, encontrou ali o remanso para suas inquietações intelectuais e o atrativo para continuarem novas pesquisas.

Mas não se tratava de uma biblioteca como as outras. Todos nós que consultamos o acervo na transição do século XX para o século XXI vivenciamos sua organização artesanal, sem catalogação sistemática, mas excepcionalmente bem tratada, diligentemente cuidada pela Maria Ivanildes e pela Arlene Moreira, que sabiam tudo o que tinha na biblioteca e onde cada documento se encontrava. No início dos anos 2000, ainda podíamos retirar materiais da biblioteca e levar até a loja da esquina para fotocopiar. Depois, com o tempo, os procedimentos de guarda, conservação, catalogação e disponibilização foram se normatizando. Uma catalogação mais regulada foi adotada, nenhum material podia mais sair do acervo e as bibliotecárias passaram a orientar e exigir dos consulentes normas de uso e cuidado com a documentação.

Ao longo do tempo, os pesquisadores passaram a se referirem a essa instituição de diferentes formas: Biblioteca do CPP, acervo do Instituto “Sud Mennucci”, Biblioteca “Sólton Borges dos Reis”. Especialmente o termo acervo tornou-se de uso comum à medida que os materiais da biblioteca passaram a ser utilizados como fontes documentais nas pesquisas em história da educação. A propósito, convém uma breve digressão conceitual. Maria Teresa Santos Cunha (2008) com base na tese da historiadora Janice Gonçalves esclarece o sentido do termo acervo comumente

empregado pelos historiadores de modo abrangente, para designar “um conjunto de documentos, peças ou obras reunidas e abrigadas (custodiadas) por instituições como museus, bibliotecas, arquivos e centros de documentação, ou ainda, existentes em coleções particulares.” (CUNHA, 2008, p. 113). Essa abrangência é intrínseca também ao conceito de documento:

Segundo a conceituação clássica e genérica, documento é qualquer elemento gráfico, iconográfico, plástico ou fônico pelo qual o homem se expressa. É o livro, o artigo de revista ou jornal, o relatório, o processo, o dossiê, a carta, a legislação, a estampa, a tela, a escultura, a fotografia, o filme, o disco, a fita magnética, o objeto utilitário etc., enfim, tudo o que seja produzido, por motivos funcionais, jurídicos, científicos, técnicos, culturais ou artríticos, pela atividade humana. (BELLOTTO, 2004, p. 35).

Não é fortuito, pois, que os pesquisadores tenham corriqueiramente utilizado diversos termos para se reportar a essa biblioteca denominando-a de arquivo, biblioteca ou simplesmente “acervo do CPP”.

A distinção entre instituições de guarda e difusão de informação é tema recorrente e polissêmico no campo da Arquivística e da Ciência da Informação. Ao falar sobre a diferenciação entre arquivos, bibliotecas e museus, Schelemberg (2004) e Heloísa Bellotto (2004) põem em questão a função e o uso dos documentos. “A forma/função pela qual o documento é criado é que determina seu uso e seu destino de armazenamento futuro”, explica Bellotto (2004, p. 36). Para essa autora, enquanto a biblioteca se caracteriza por ser um órgão colecionador (reúne artificialmente o material que vai surgindo e interessado à sua especificidade), o arquivo é órgão receptor, isto é, recolhe naturalmente o que produz a administração pública ou privada à qual serve. Museu, por sua vez, “é órgão colecionador (...) e seus objetivos finais são educativos e culturais, mesmo custodiando alguns tipos de documentos originariamente de cunho funcional.” (BELLOTTO, 2004, p. 39).

Essa digressão terminológica mostra a complexidade de sentidos e as controvérsias nos modos de nomear as instituições de documentação. O modo fluido adotado pelos pesquisadores para nomear a Biblioteca “Sólon Borges dos Reis” atesta a trajetória dessa instituição e seus usos.

Ir a biblioteca do CPP tornou-se orientação indispensável para os novos pesquisadores que se aventuravam a investigar a história da educação paulista. Em 1999, Cátia Regina Guidio Alves de Oliveira, uma de minhas orientandas de aperfeiçoamento valeu-se enormemente do acervo da biblioteca do CPP para investigar

a história de duas séries graduadas de leitura utilizadas nas escolas primárias no final do século XIX e início do XX: a de Felisberto de Carvalho e Puiggari-Barreto (OLIVEIRA; SOUZA, 2000). Como ela, outros investigadores foram instados a saírem do interior do estado para visitar na cidade de São Paulo esse acervo singular. São muitos os pesquisadores que nas últimas três décadas têm se valido sistematicamente dessa biblioteca. Para mencionar apenas alguns, destaco Vera Teresa Valdemarin, Ana Clara Bertoleto Nery, Manuela Priscila de Lima Bueno, Kamila Evaristo Leite, Agnes Iara Domingos Moraes, Daniela Gonçalves dos Santos Campos entre outros. Sem querer ser exaustiva, também vale destacar a contribuição dessa biblioteca para a história do ensino da leitura e da escrita. Nesse sentido, é digno de nota os estudos por Maria do Rosário Longo Mortatti e seus orientandos que têm investigado no âmbito do GPHELLB - Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" a história da alfabetização e da literatura infantil. Entre os vários pesquisadores vinculados a esse grupo saliento: Estela Natalina Bertoleti, Fernando Rodrigues de Oliveira, Franciele Pasquim, Thabata Trevisan, Barbara Cortela, entre outros.

Voltando às minhas memórias, retornei à biblioteca do CPP, em 2003, em seu novo endereço na Rua Joaquim Távora, 556. A biblioteca estava instalada mais confortavelmente em duas salas no porão do sobrado onde funcionava a sede do Instituto de Pesquisas Educacionais “Sud Mennucci”. Uma das salas era reservada aos livros e outra aos periódicos e documentos diversos, utilizada também como sala de consulta. Nessa ocasião, eu estava trabalhando na tese de livre-docência dedicada a investigação histórica das escolas primárias paulistas no período republicano com foco na trajetória dos grupos escolares até a década de 1970.

Lembro-me de percorrer vagarosamente as prateleiras da biblioteca detendo-me em alguns títulos. Enquanto esperava o material solicitado, como não distrair observando as estantes em exposição? Do lado esquerdo da porta de entrada, encontravam-se os periódicos educacionais, coleção quase completa, além de duplicatas, da Revista de Ensino, da Escola Nova, da Revista de Educação, da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos e outras revistas educacionais de várias localidades do país. Do lado direito, obras de referência e várias pastas com documentos diversos.

Encontrei na biblioteca do Instituto “Sud Mennucci” uma abundante documentação sobre o ensino primário paulista de meados do século XX: programas de ensino, regulamentos da instrução pública, Anuários do Ensino do Estado de São Paulo

e a coleção rara de Boletins da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo publicados entre 1936 e 1938. Em uma das muitas vezes que frequentei a biblioteca no ano de 2005, perguntei à Arlene se havia no acervo fotografias de escolas primárias. Ela me apresentou então uma extraordinária coleção de fotos que se encontravam guardadas em uma pasta dentro de uma das gavetas da secretaria da biblioteca.

Relembrando mais uma vez Arlete Farge (2009, p. 36): “O arquivo é excesso de sentido quando aquele que o lê sente a beleza, o assombro e um certo abalo emocional.” Foi assim que me senti naquela manhã, em meio ao deslumbramento e à euforia. Encontrei fotografias retratando os mais variados aspectos da cultura escolar, referente a estabelecimentos de ensino primário urbanos e rurais, de diferentes localidades do estado de São Paulo e de distintos períodos históricos entre 1922 e 1980. Anotações manuscritas em algumas dessas fotografias auxilia a identificação. Muitas foram encomendadas pela direção do CPP para figurar na *Revista do Professor* e posteriormente no Jornal *O Professor*, ambos órgãos publicados pela entidade, mas encontrei também, fotografias que foram doadas ao CPP por professores, diretores de escolas e inspetores do ensino. Destaca-se, por exemplo, o conjunto de fotografias que pertenceram ao delegado de ensino Prof. Oscar Augusto Guelli retratando escolas, grupos de professores, diretores e inspetores, além de reuniões pedagógicas realizadas na região de Jundiaí, nas décadas de 1940 e 1950. Este é um aspecto exemplar do pertencimento intercambiante de documentos específicos da entidade – o CPP – e o acervo específico da biblioteca.

Voltei à biblioteca do Instituto de Pesquisas Educacionais “Sud Mennucci” várias vezes na última década, referência obrigatória para levantamento de fontes para a história da educação para mim e meus orientandos. Quando me debrucei pela primeira vez sobre a história do ensino secundário paulista no período de 1930 a 1960, lá encontrei informações preciosas como o Regimento Interno dos estabelecimentos de Ensino Secundário e Normal do Estado de São Paulo de 1949, o Regimento Interno dos Ginásios e Colégios de 1950, os Programas das Escolas Normais e Instruções Metodológicas de 1954 e o Regimento Interno do Ensino Secundário de 1961.

Em 2010, ainda realizando estudos sobre o ensino secundário, dando voltas às estantes da sala de consulta, deparei-me, por acaso, com uma preciosa coleção de recortes de jornais; três pastas de artigos publicados pelo Professor Rosalvo Florentino de Souza referente aos anos de 1949 a 1968. Comecei a folhear displicentemente as

pastas, mas logo me chamou a atenção o título de alguns artigos, pois, tratavam de temáticas relacionadas a diversos problemas do ensino secundário no estado de São Paulo. Quis conhecer melhor quem fora Rosalvo Florentino e Arlene me mostrou duas páginas datilografadas constando uma breve biografia desse surpreendente professor-jornalista. Rosalvo Florentino foi conselheiro do CPP e diretor do Departamento de Ensino Secundário dessa entidade e, possivelmente, por essa razão, suas pastas com recortes de jornais tenham sido deixadas e/ou doadas à entidade. O professor Rosalvo Florentino era licenciado em Educação Física, História e Geografia e bacharel em jornalismo. No ensino médio ministrou várias disciplinas em ginásios e colégios do interior e da Capital e sua atuação político-sindical no magistério secundarista marcaram as colunas e artigos publicados por ele em diferentes jornais paulistas, como a *Folha da Manhã*, o *Diário de São Paulo*, *A Gazeta*, *A Noite*, entre outros.

O que pensava e propunha um professor de ensino médio em meados do século XX? Quais as representações sobre educação, política, cultura estavam presentes na extensa produção jornalística de Rosalvo Florentino? Deslumbrei nessa coleção de recortes de jornais uma fonte interessante de pesquisa sobre a história dos intelectuais, imprensa e educação e representações sobre o ensino secundário. Apresentei esse material a alguns estudantes sem resultado até que o doutorando Francisco Glauco Gomes Bastos se interessou em investigar dois entre os inúmeros temas tratados por Rosalvo: os problemas do ensino secundário e do ensino profissional. A tese de Francisco Bastos (2017) pode ser considerada uma primeira aproximação com essa coleção de recortes de jornais, mas certamente há muito a ser feito problematizando a produção e circulação de ideias em torno do ensino médio.

Em mais uma de minhas peregrinações pela biblioteca “Sólton Borges dos Reis”, em 2011, tive acesso a outra coleção de jornais de grande interesse. Refiro-me aos 57 exemplares de jornais escolares produzidos por escolas primárias de distintas do estado de São Paulo, abrangendo o período de 1937 a 1982. Trata-se, sem dúvida, da mais diversificada coleção de jornais infantis já preservada que se tem conhecimento, testemunho das atividades auxiliares da escola e de uma prática de ensino da escrita e da leitura cultivada nas escolas públicas primárias paulistas no decorrer do século XX.

Recentemente, em 2016, última vez que ali estive, fui à procura de fontes para o estudo da história da escola primária rural no estado de São Paulo e mais uma vez me surpreendi com a potencialidade da documentação existente. Na ocasião, Arlene

comentou vagamente sobre as dificuldades que a entidade estava encontrando para manter a biblioteca e lamentamos juntas seu destino incerto e os prejuízos que o seu provável fechamento traria para os pesquisadores e consulentes em geral.

Sobre a educação rural, encontrei na biblioteca do CPP a maioria dos livros de autoria de Sud Mennucci um dos mais eminentes ruralistas paulistas e brasileiro, que foi também diretor do CPP por 15 anos, entre 1933 e 1948. Além das obras de Sud Mennucci, encontrava-se na biblioteca uma caixa de polionda contendo diversos documentos relacionados à trajetória desse educador incluindo uma biografia datilografada. Localizei também algumas obras raras como a conferência proferida por Assis Brasil, em Belo Horizonte, em 1915, intitulada “A Vida no Campo e a Reforma Rural” e o livro *As escolas rurais e o êxodo no campo* de Silvio Maia, publicado em 1914.

Sobre o tema da educação rural há muito mais e isso se explica evidentemente pela atuação de Sud Mennucci na direção do CPP, além do culto a sua memória pela entidade. Um dos achados preciosos que encontrei foi a cópia do relatório apresentado por Lourenço Filho ao Ministério da Educação de sua visita ao México em 1951 intitulado “A Educação Rural no México” detalhando princípios, concepções, estrutura e organização da educação rural mexicana. A análise desse relatório possibilitou-me compreender referenciais estrangeiros que fundamentaram projetos de inovação pedagógica e políticas para a educação rural no Brasil, em meados do século XX (SOUZA, 2013).

A biblioteca possui outros documentos valiosos sobre o tema, como programas e atas do 1º ao 4º congresso Normalista de Educação Rural realizados no estado de São Paulo na década de 1940, além de livros de vários autores sobre o tema incluindo *Educação Rural: uma aplicação do ensino rural na escola primária Grupo Escolar de Butantan* de Noemia Saraiva de Matos Cruz, publicado em 1936. É preciso sublinhar também, os artigos publicados na *Revista do Professor*, periódico do CPP que dedicou atenção especial ao movimento ruralista no estado de São Paulo, especialmente no período em que Sud Mennucci foi presidente dessa instituição e na década seguinte à sua morte (anos 50 do século XX). Com base nessa preciosa documentação envolvendo boletins, opúsculos, anais de eventos, relatórios, artigos e notas em revistas foi que Agnes Iara Domingos Moraes (2014) pode desenvolver pesquisa de mestrado sobre escolas típicas rurais e grupos escolares rurais em funcionamento no estado de São

Paulo entre as décadas de 1930 e 1960, um estudo que se valeu amplamente da documentação da biblioteca Sólton Borges dos Reis, especialmente dos documentos menos evidentes e menos explorados pelos pesquisadores. Assim, olhando para trás, não posso deixar de reconhecer o quanto as minhas pesquisas e a de alguns de meus orientandos são tributários desta biblioteca. Nela reuni informações relevantes e percorri fontes inéditas sobre a história da educação no estado de São Paulo. Nesses 20 anos, folheei revistas, livros, e documentos que alimentaram minha “compulsão pelo arquivo” e aticaram meus devaneios desenhando temas de dissertações e teses a fazer, incluindo entre elas, algumas que eu verdadeiramente gostaria de ter feito.

Uma agenda de pesquisa a ser explorada na biblioteca Sólton Borges dos Reis

Tendo desfiado laços das minhas memórias, penso já ter assinalado, de alguma forma, as potencialidades dessa biblioteca para a pesquisa histórica em educação, passo a discutir na sequência deste texto uma agenda possível de investigação a ser explorada com a contribuição inestimável desse acervo.

Em primeiro lugar, faço referência à história do movimento docente no estado de São Paulo e particularmente, o papel desempenhado pelo Centro do Professorado Paulista. A biblioteca possui abundante material que possibilita reconstituir a história da entidade partindo de focos variados.

Criada em 1930, como afirmam Paula Vicentini e Rosário Lugli (2009) a entidade contou com o auxílio de inspetores e diretores de grupos escolares para arrecadar as mensalidades dos sócios do interior do estado de São Paulo que constituíam a maioria de seu quadro social.

Ao longo do tempo a entidade se consolidou como uma das associações mais tradicionais do magistério brasileiro. Órgão de reivindicação dos professores primários paulistas, ela se constituiu como uma associação de enorme capilaridade com sedes regionais no interior do estado e uma rede ampla de serviços de assistência, formação, cultura e lazer. Ainda de acordo com Vicentini e Lugli (2009), na década de 1970, o CPP chegou a ser a segunda maior associação docente da América Latina. Nos seus 87 anos de existência, a associação foi dirigida por vários educadores destacando-se, entre eles, Sud Mennucci e Sólton Borges dos Reis, pelo tempo que presidiram a instituição.

Em relação a Sud Mennucci há vários estudos sobre a trajetória desse educador e sua atuação no movimento ruralista, podendo citar, entre outros: Mattos (2004), Moura (2004), Monarcha (2007), Mota (2010), Santos (2015). Porém, ainda há dimensões a serem investigadas, como por exemplo, a atuação desse educador na direção do CPP e a construção da memória do Prof. Sud Mennucci como “profeta do ruralismo” cunhada nas páginas da Revista do Professor. No site do CPP consta uma informação curiosa que reforça a relação entre a entidade e a memória de Mennucci: “O Instituto de Estudos Educacionais Sud Mennucci foi criado em 1997, na então administração de Sólon Borges dos Reis, para atuar na qualificação profissional e cultural do educador por meio de cursos, palestras, seminários e atividades culturais. A escolha do nome foi simples, partindo de um dos mais brilhantes atuantes e profundo conhecedor da educação: ‘Sud Mennucci’.”⁴

Não obstante, a atuação sindical, política e educacional do Prof. Sólon Borges dos Reis é um tema de investigação praticamente inexplorado e para o qual a biblioteca que ele ajudou a constituir tem muito a dizer. Ela possui livros escritos por este educador, artigos publicados em periódicos e vários outros documentos. Vale lembrar que o Prof. Sólon foi presidente do CPP por 40 anos entre 1957 e 1997. Qual era a pedagogia política desse educador? Qual foi a sua atuação em prol do magistério primário? Quais as relações entre poder político e atuação sindical?

Certamente, para além desses dois educadores emblemáticos, há vários outros que compuseram a diretoria central e as diretorias regionais da entidade, além, obviamente, do conjunto dos professores membros da associação.⁵ Quais foram as lutas políticas empunhadas pelo CPP? Em que medida as atividades de assistência e lazer consolidou a entidade? Quais foram as estratégias da associação para a mobilização do magistério?

Outros modos de contar a história dessa associação de professores pela biblioteca incide sobre o estudo dos seus órgãos de propaganda, divulgação e formação do magistério: a *Revista do Professor* publicada entre 1934 e 1965⁶, o jornal *O Professor* publicado entre 1964 – 1975 e atualmente o *Jornal dos Professores (on line)*.

⁴ Cf. site do Instituto Sud Mennucci-CPP: <https://www.cpp.org.br/instituto-sud-mennucci>

⁵ Desde a sua fundação, ocuparam a presidência do Centro do Professorado Paulista os seguintes professores: (Cymbelino de Freitas (1930-1931), Sud Mennucci (1931-1948), Genésio de Almeida Moura (1948), Licínio Carpinelli (1948-1949), Arnaldo Laurindo (1949-1952), Joaquim Silvério Gomes dos Reis (1952-1957), Sólon Borges dos Reis (1957-1997), Pamiro Munnucci (1997 – 2009) e José Maria Cancellero (desde 2009 até o presente). Cf. site do CPP: <https://www.cpp.org.br/institucional/presidentes>

⁶ A primeira fase desta revista foi de 1934-1939 e a segunda fase, 1949-1965. Cf. Vicentini; Lugli, 2009.

Nas páginas desses periódicos é inevitável o encontro com professoras e professores do ensino primário, com inspetores, diretores e delegados de ensino, profissionais da educação vivenciando problemas e sociabilidades na construção da educação pública. Não somente a história desses periódicos, mas muitos outros temas convidam à investigação, como as representações sobre o magistério, a mobilização política dos professores públicos, os problemas do ensino primário noticiados e problematizados nesses periódicos, as discussões sobre renovação educacional, informações sobre as condições do trabalho docente e o cotidiano da entidade.

Outra dimensão relevante desta biblioteca diz respeito à sua potencialidade para a escrita da história da educação paulista e brasileira no período republicano, especialmente, o período a partir da segunda metade do século XX. Todos sabem que o Arquivo do Estado tem disponibilizado pouca documentação referente à educação pós 1930. Dessa maneira, os pesquisadores ressentem de acervos organizados para estudarem períodos cruciais da história da educação no século XX. Para isso concorrem os livros, os anais de congressos, os periódicos e a gama de impressos produzidos pela Secretaria de Estado da Educação do Estado de São Paulo que se encontram no acervo.

O terceiro aspecto a sublinhar, diz respeito à história da própria biblioteca. Como ela se constituiu ao longo do tempo? Como escrever sua biografia? Certo é que ela é tributária das operações de guarda das diretorias do CPP em razão das necessidades da instituição. Não por acaso, em muitos livros e revistas do acervo encontra-se a assinatura do Prof. Sólton Borges dos Reis, de Sud Mennucci e de outros educadores. É possível inferir que a biblioteca foi constituída por documentos adquiridos ou doados, reunidos com propósitos diversos. Portanto, como qualifica-la: uma biblioteca para professores? O que significa isso do ponto de vista histórico?

Sem dúvida, a Biblioteca Sólton Borges dos Reis inscreve-se no amplo movimento de constituição das bibliotecas e museus escolares que acompanhou a criação e disseminação dos sistemas nacionais de ensino em todo o ocidente a partir do século XIX. Da importância dessas bibliotecas de formação de professores nos fala Marta Maria Chagas de Carvalho (2007) sobre a constituição da biblioteca da Escola Normal Caetano de Campos de São Paulo, Diana Gonçalves Vidal (2001) a respeito da biblioteca da Escola de Professores do Instituto de Educação do Distrito Federal e Ana Clara Bortoleto Nery (2013) sobre a biblioteca da Escola Normal de Piracicaba.

Relacionadas à produção e à circulação de uma cultura pedagógica, além de visarem à formação de leitores, essas bibliotecas tornaram-se espaços de difusão de saberes e de formação de professores oferecendo aos docentes em exercício e aos futuros mestres fundamentos e modelos norteadores das práticas educativas. Ressignificadas nas décadas de 1930 e 1940 pelo movimento da pedagogia moderna (a Escola Nova), as bibliotecas das escolas normais e Institutos de Educação reuniram impressos dirigidos ao professorado, periódicos educacionais, coleções especiais para a educação e livros com o intuito de difundir métodos ativos e transformar a mentalidade dos professores. No estado de São Paulo, as bibliotecas pedagógicas foram revalorizadas no Código de Educação de 1933 (Decreto n. 5.884, de 21 de abril de 1933), que instituiu o Serviço de Bibliotecas para acompanhar o funcionamento das bibliotecas escolares que deveriam ser instaladas nos estabelecimentos de ensino primário, secundário e escolas normais. Sud Mennucci, Sólon Borges dos Reis e outros membros do CPP acompanharam esse movimento como docentes do ensino normal, como agentes da administração pública e como diretores de entidade do movimento docente. Reunir e preservar os mais variados impressos educacionais incluindo as produções do Departamento de Educação e da Secretaria de Estado da Educação do Estado de São Paulo não era estranho a esses educadores, e, particularmente no que diz respeito ao Prof. Sólon que esteve quatro décadas na direção do CPP, essa atividade foi diligentemente cultivada.

A biblioteca Sólon Borges dos Reis possui uma quantidade expressiva de manuais de formação de professores, manuais de Pedagogia e Didática, de Psicologia, Biologia e Sociologia: renomados autores como Afrânio Peixoto, Fernando de Azevedo, Manoel Bonfim, Aguayo, João Toledo, Antônio D'Ávila, Anísio Teixeira e tantos outros. As centenas de livros didáticos existentes na instituição muito podem contribuir para a história das disciplinas escolares. Juntamente com as cartilhas, as séries graduadas de leitura e livros didáticos de diferentes disciplinas da educação básica, aliada à hemeroteca especializada em educação pode-se dizer que esta biblioteca abriga um dos acervos mais completos e diversificado sobre a cultura pedagógica produzida no Brasil em âmbito regional e nacional. Por isso, reconstituir a sua história é também reconstituir a história da educação, da profissão docente e da cultura em sentido geral. Mas é claro, os aspectos que apontei anteriormente são decorrentes do que eu posso dizer a partir do pouco que eu utilizei e conheço do acervo. Certamente, há muito mais a

ser dito tendo em vista o material disponível ou não sobre o qual eu não debrucei meus olhos.

Para finalizar, passo a tratar brevemente de expectativas. É um truísmo falar dessa biblioteca como lugar de memória. A fortuna dessa expressão deve-se ao texto icônico de Pierre Nora (1993) sobre os conceitos de história e memória. Nesse texto, o autor problematizou a aceleração da história decorrente das transformações da sociedade industrial na contemporaneidade e denunciou o esfacelamento da memória pela destruição dos velhos suportes mnemônicos. “Há locais de memória [segundo o autor] porque não há mais meios de memória.” Para Nora (1993, p. 13): “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há mais memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais.”

A expressão lugares de memória foi usada como uma crítica e uma denúncia nos termos também sublinhados por Andreas Huyssen (2000) da obsessão atual pela memória e pela comercialização da memória pela indústria cultural. Mas na última década, tornou-se lugar comum no campo do patrimônio a elogia dos lugares da memória, especialmente arquivos e centros de documentação preocupados em guardar a memória individual e coletiva. Na área da Educação, as iniciativas de preservação do patrimônio educativo levadas a termo por inúmeros pesquisadores e estabelecimentos de ensino nos últimos anos acompanham as preocupações pela preservação vigentes na atualidade. Sem desconsiderar a relevância desse movimento, torna-se, também, imprescindível a crítica à obsessão pela memória e, no campo da educação, essa crítica deve ser acompanhada da reflexão sobre os rumos da educação na atualidade.

Mas o momento é de celebração da transferência da biblioteca Sólon Borges dos Reis para a Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo. Quais serão os novos caminhos dessa biblioteca criada inicialmente para “o ensino e o magistério”? Ao desvincular-se institucionalmente do CPP, a biblioteca inaugura uma nova fase apontando para a redefinição de suas finalidades, organização e usos. Ao abrigo da universidade, ela provavelmente ampliará sua utilização para a pesquisa. Não obstante, ela continuará servindo aos propósitos da formação de professores oferecendo farta documentação pedagógica para docentes e estudantes das licenciaturas e dos programas de pós-graduação. Minha expectativa é que ela transborde

sua identidade consagrada paulatinamente nas últimas décadas como biblioteca /acervo especializado para a História da Educação. Com a mudança do espaço virão igualmente mudanças de sentidos. Já não nos deslocaremos mais para a Vila Mariana para a consulta ao acervo. Novos e experientes pesquisadores se deslocarão para o campus da Unifesp Guarulhos que ampliará seu espaço de sociabilidade recebendo pesquisadores de diferentes lugares do estado de São Paulo e do Brasil. Que sejamos tão bem acolhidos aí como éramos no CPP. Quando novamente reaberta ao público, que a biblioteca disponibilize amplamente todos os materiais do acervo incluindo aquela parte significativa nunca antes catalogada. Que os bibliotecários e servidores se dediquem com esmero a identificar, ordenar, descrever, catalogar, armazenar e disponibilizar a documentação de forma a mais democrática possível, não perdendo de vista o que é mais importante e a razão última, ou primeira de uma instituição dessa natureza: o acesso dos interessados à informação “em benefício da divulgação científica, cultural, social e histórica.” (BELLOTTO, 2004, p. 36). Ouso conjecturar que os grupos de pesquisa que a ela estão diretamente vinculados, possam, pela disseminação da informação, proporem novas temáticas e linhas de pesquisa. Como lugar de memória da educação, que ela seja também de debate e questionamento sobre os excessos e limites da história-memória da educação e dos (des) caminhos da educação paulista e brasileira.

Desejo, enfim, que a Biblioteca Sólton Borges dos Reis tenha um futuro auspicioso em sua nova morada e que muitos pesquisadores como eu, como vários de nós que estamos aqui hoje, possam continuar se deliciando “com os sabores dessa biblioteca”.

REFERÊNCIAS

BASTOS, F. G. G. **Rosalvo Florentino de Souza**: um intelectual a serviço do magistério na imprensa paulista. (1949 a 1957). 2017, 228f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2017.

BELLOTTO, H. L. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 2ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CARVALHO, M. M. C.. Uma biblioteca pedagógica francesa para a Escola Normal de São Paulo (1882):livros de formação profissional e circulação de modelos culturais. In: Marcus Levy Bencostta. (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. 1ed.São Paulo: Cortez, 2007, p. 17-41.

CATANI, D. B.; SOUSA, C. P. . **Catálogo da Imprensa Periódica Educacional Paulista** (1890-1996). São Paulo: Plêiade, 1999. v. 1. 204p .

CUNHA, M. T. S. Essa coisa de guardar... homens de letras e acervos pessoais. **História da Educação**, Pelotas, v. 12, n. 25, p. 109-130, maio/ago 2008. Disponível em: Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphe>

FARGE, A. **O sabor do arquivo**. São Paulo: EDUSP, 2009.

HUYSSSEN, A. **Seduzidos pela memória**. Arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano Editorial Museu de Arte Moderna, 2000.

KOPYTOFF, I. The cultural biography of things: commoditization as process. In: APPADURAI, A. **The social life of things: commodities in cultural perspectives**. New York: New School University, 1995.

MATTOS, I. C. R.. **A concepção de educação nas obras de Sud Mennucci**. 2004. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

MONARCHA, C.. Cânon da reflexão ruralista no Brasil: Sud Mennucci. In: WERLE, F. O. C. (Org.). **Educação rural em perspectiva internacional: instituições, práticas e formação do professor**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2007. p. 19-51.

MORAES, A. I. D.. **Ensino primário tipicamente rural no Estado de São Paulo: um estudo sobre as Granjas Escolares, os Grupos Escolares Rurais e as Escolas Típicas Rurais (1933-1968)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. 258 p.

MOTA, A.. Higienizando a raça pelas mãos da educação ruralista: o caso do Grupo Escolar Rural do Butantan em 1930. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 14, n. 32, p. 9-22, jan./mar. 2010.

MOURA, Maria I. G. L.. **A cruzada ruralista: concepções, práticas e estratégias educacionais**. 2004. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

NERY, A. C. B.. Cultura pedagógica e formação de professores: a biblioteca da Escola Normal de Piracicaba (1911-1920). **Revista História da Educação**, Porto Alegre, RS, v. 17, n. 39, p. 23-38, jan./abr. 2013.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, C. R.G. A.; SOUZA, R. F. . As faces do livro de Leitura. **Cadernos CEDES - Antropologia e Educação Interfaces do Ensino e da Pesquisa**, Campinas - São Paulo, n.52, p. 25-40, 2000.

SANTOS, Fernando Henrique Tisque. **A vida do pensamento e o pensamento da vida: Sud Mennucci e a formação de professores rurais**. 2015. 243f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SÃO PAULO. *Código de Educação do Estado de São Paulo*. Decreto n. 5.884, de 21 de abril de 1933. São Paulo: Imprensa Oficial, 1933.

SCHELLENBERG, T. R. **Arquivos modernos**: princípios e técnicas. 4ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

SOUZA, R. F.. A 'Educação Rural no México' como referência para o Brasil. **Revista Educação em Questão** (UFRN. Impresso), v. 45, p. 61-81, 2013.

VICENTINI, P. P.; LUGLI, R. G. **História da Profissão Docente no Brasil**: representações em disputa. São Paulo: Cortez, 2009.

VIDAL, D. G. **O exercício disciplinado do olhar**: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937). 1 ed. Bragança Paulista: EDUSF, 2001. 343p .

Recebido em: 29/01/2018

Aprovado em: 13/03/2018